

EM LOUVOR DE GARRETT

por António Cruz

Almeida Garrett — será preciso lembrá-lo? — é personalidade ímpar da Cultura portuense, quanto o é também da Cultura portuguesa. Que o digam as qualidades estremadas que o apartavam e individualizavam entre os demais dos seus pares no seu tempo como em todo o tempo. E até como renovador e logo iniciador de nova escola literária. E ainda como Poeta, como Romancista, como reformador do nosso Teatro, como incansável e incorrigível amante de toda a Beleza — sem esquecer o Belo Feminino. . . Ele, o nosso João Baptista da Silva Leitão de Almeida Garrett, o portuense ilustre e ilustrado como raros o foram que logrou viver numa juventude perene, quando não no vigor físico, e no desempenho do seu corpo, ao menos no espírito sempre desperto e no apêgo constante aos mais caros ideais da sua mocidade.

Traçar-lhe a genealogia cultural seria o mesmo que ajuntar quanto singularizou, através dos tempos, o homem do Porto — para ver nele, repete-se, um portuense por excelência, da raiz, sempre ao serviço da sua *pátria pequena*. Mas — interrogámos — será preciso lembrar que ele nasceu, ali adiante, numa casa da Rua do Calvário, aos 4 de Fevereiro de 1799? E lembrar ainda que ele, menino e moço, foi criado nas Terras ribeirinhas e fronteiriças de Gaia, nas quintas avoengas do Castelo e do Sardão? E para quê lembrar, outrossim, o seu tempo de adolescente que foi vivido nos Açores, quando os seus familiares para ali retiraram, à procura da paz que as Tropas napoleónicas não deixavam viver no continente? Poderá escapar, a quem quer, um ou outro pormenor dos quadros que foram indiciados, e, sem custo, podiam ser agora debuxados. Todavia, isso mesmo viria a corresponder a pretensiosismo, quando não feio pecado. . .

Preferimos, aqui, falar de Garrett académico — daquele que aconteceu, vindo de Coimbra, à terra natal, para nela participar dos acontecimentos que vieram a encadear-se após a revolta de 24 de Agosto de 1820 e aqui voltou, anos decorridos, como soldado do Corpo Académico — incorporado nas forças comandadas por D. Pedro que desembarcaram na praia de Pampelido.

Em 1820, ao saber, em Coimbra, de quanto ocorria na sua terra natal, larga tudo: amigos, ensaios de um grupo dedicados às andanças do Teatro, e, até, possíveis amores de curta duração. . . Parte à desfilada, a galope largo, tão largo que podia rebentar os peitos da alimária. Quando já no Porto e ao serviço da Junta, compõe hinos patrióticos, redige proclamações — e não deixa de participar dos exercícios a que andavam sujeitos quantos tinham como dever cívico não e apenas o trabalho de secretaria, mas sim por excelência o manejo das armas.

Um breve exílio, a que o forçou o desencadear dos sucessos, levou-o, então, a Londres — e de lá regressou em Agosto de 1823. Quando o barco em que viajava ia a costear, de bombordo, a Foz do Douro, Garrett anotava no seu *diário*:

— Estamos defronte do Porto. Este é o céu da minha pátria.

Assim, sem mais! A sua pátria era o Porto — a pátria, berço e sepulcro dos seus avós.

Bem curta foi a demora em terra portuguesa. Volta a exilar-se, após o movimento da *Vilafranca*. Mais alongada a ausência, dessa vez. Todo um exílio erigido de dificuldades.

Quando regressa de novo, Garrett é o mais cuidadoso dos soldados do Corpo Académico, no apuro da fardeta e no polimento do correame. As agruras do exílio transmudam-se em acicate, estimulando-o, de passo que chamam ao primeiro plano da lembrança todos os momentos da sua mocidade acidentada. Alguns radicam-se em velhas leituras, quando não na memória daqueles romances populares e xácaras que ouvira, menino e moço, da *tia* Brígida, governanta da casa paterna, e da criada Rosa de Lima.

Diante do soldado do Corpo Académico desdobrava-se o cenário da sua meninice. Ele vivia, e agora

comparticipante, os mesmos sucessos que outros haviam testemunhado como figuras presentes e actuantes. Havia, afinal, uma *constante* a interligar as gerações. Tal *constante* era o Porto, o velho Portucale, desde sempre e para sempre a individualizar-se, entre as demais, como *muito nobre sempre, leal e invicta cidade* – honroso título que o mesmo Garrett havia de promover, mais tarde, que viesse a figurar, como legenda, no brasão da própria cidade.

As tropas desembarcadas em Pampelido acantonaram-se na cidade, que a breve trecho ficou sitiada pelas forças adversas, acudindo também a posições estratégicas do próximo arrabalde. Começam as agruras do cerco, suportadas com rara coragem: cada posto de combate é lugar eleito onde todo o soldado ensina a grande lição de lutar e morrer pelo ideal que agasalha no seu íntimo.

Garrett não esquece a pena – mas tem de a deixar em repouso a largos espaços, substituindo-a pela escopeta. E lá vai de guarnição, o para o acantonamento do Convento dos Grilos, a meia encosta do morro da Sé. Quando de sentinela, na portaria, e ainda nas curtas horas de repouso, vem-lhe à lembrança toda a miudeza de que era composta a crónica do sereno, altivo e exemplar viver do seu – nosso – velho burgo. Como não havia de tentá-lo a pincelada larga que deixasse transparecer, na visão alargada e no requinte do pormenor, a cor, o movimento, todo o pitoresco dos velhos usos e costumes e bem assim o sentir das velhas gentes da Terra Natal? E a crónica, viva, aliciante, não tardou, vertida em prosa de ritmo ignorado e colorido estranho. Não tardou, a concepção e logo a feitura do romance *O Arco de Sant'Ana*.

Na sua confissão, foi a folgar que Garrett começou a escrevê-lo, «sem mais designio – são palavras suas – que o de interter o tempo e distrair o espírito». Quando o acabou, anos volvidos, vivia já fixado em Lisboa. Mas não quer rematá-lo sem volver de novo os olhos para a Terra Natal. E para que nada seja esquecido, mendiga de um provado amigo e conterrâneo, que era o escritor Gomes Monteiro, esta esmola:

«Lembra-me alguma coisa bem nossa, bem do Porto, bem *Tripeira*, porque esta órbita é toda das reminiscências da minha infância, da minha Terra Natal».

Bem do Porto, bem *Tripeiro*, é na verdade, *O Arco de Sant'Ana*. Com ele, Garrett, soldado do Corpo Académico, saldou de vez e em moeda forte, tinindo como oiro de lei, aquela dívida que todo o homem contraí para com a terra que lhe foi berço. A mesma dívida que anos antes, quando ainda escolar de Leis, havia começado a saldar – mas dessa vez nos seus versos que dizem assim:

*D'aquí d'onde houve nome
O velho Portugal, seu nome ainda
Honrado surgirá. Presago vejo
Na geração crescente ir despertando
As feições renovadas
Com que a antiga família portuguesa
Se distinguia outrora. O brio, a honra,
Os são costumes, puro amor da pátria.
A singela franquesa,
A nobre independência doutras eras,
Ressurgirão daqui. . .*

O nome, a glória, a liberdade, a própria existência, essas devia-as a Pátria e para sempre as deverá ao Porto, à terra-mãe de Garrett. E ainda o brio, a honra, os são costumes, a singela franquesa, a nobre independência – como o Poeta ensinava. Quem se recusará a aprender esta lição?